

O OUTRO ARAXÁ

RUBEM BRAGA

NÃO são muito precisas as notícias de Araxá. Já se sabe, porém, não ser verdade que se tenha tentado ali um movimento contra as leis que asseguram alguns direitos ao trabalhador nacional. Se isso estava na intenção de algum delegado mais retrogrado e imprudente (o que vem a dar no mesmo) o certo é que a maioria dos representantes do comércio e da indústria repudiou essa idéia sinistra.

Não encontro, na verdade, um adjetivo mais suave. Quando as condições de vida da massa trabalhadora pioram dia a dia, pelo desequilíbrio cada vez maior entre os salários e os preços — seria apenas sinistro querer dar um passo atrás.

Os homens da indústria e do comércio dispõem hoje de instrumentos bem sensíveis para medir as oscilações do nível de vida das classes trabalhadoras. Através do pessoal de seus serviços de assistência social, eles sabem muito bem, melhor do que compulsando estatísticas e tabelas, das condições lamentáveis dos trabalhadores. Se mesmo através desses serviços, que se ampliam sem cessar, ainda não ousaram enfrentar um dos problemas mais terríveis e de consequências piores sobre a situação física e moral do trabalhador e sua família — o da habitação! Conheço algumas das poucas realizações e também dos planos já em início de execução sobre esse assunto. Não receio afirmar que o ritmo em que funcionam essas iniciativas é superado pela velocidade com que o problema se agrava. A cada casinha popular inaugurada num subúrbio respondem vários barracos erguidos na favela... Alguns projetos mais ousados, como o das casas pré-fabricadas para o industrial carioca, ainda estão numa fase em que nenhum benefício atinge a massa trabalhadora. Lem-

brems que o trabalhador brasileiro ainda não viu concretizados alguns dos direitos que a Constituição expressamente lhe assegura. Pensar, a esta altura, em lhe arrancar direitos já estabelecidos seria, francamente, promover às claras a rebelião social.

No momento em que escrevo, o ministro do Trabalho está voando para a cidade mineira, onde fará um discurso. Não sei se, diante dessa conferência nacional das classes empregadoras (prefiro usar esta palavra, mais precisa que "produtoras" ou "conservadoras") não lhe ocorrerá a importância que teria uma conferência nacional das classes trabalhadoras. Uma conferência de representantes de sindicatos e associações que tivessem, como essas dos patrões, perfeita liberdade para escolher suas próprias diretorias e seus delegados.

São, certamente, forças reacionárias, temerosas do comunismo e do queremismo, que atuam junto ao governo para que ele mantenha a classe trabalhadora sem órgãos de expressão próprios e livres. E isso é um erro tremendo para um país que precisa ainda organizar sua democracia.

O que acontece na prática é que se atrasa assim a formação de uma verdadeira consciência trabalhista em nossa massa. Ela fica entregue, pelo desprezo e pela desconfiança dos chamados democratas, a toda sorte de explorações e mistificações.

Sem dispor das formas normais e legais de luta pelas suas reivindicações, através das quais iria se educando para a defesa de seus verdadeiros interesses, o trabalhador só dispõe das formas escusas de luta, como essa espécie de sabotagem branca da produção, através do desperdício, do "corpo mole" e, sempre que possível, do abstenetismo — e, nos casos de desespero, de greves, ainda hoje rudemente tratadas como casos de polícia.

Ele é impedido, assim, da prática real da democracia. Não admira que no momento de votar não tenha bons ouvidos para escutar a pregação democrática...

31.7.47

202